

ESCRITAS DO EU EM TEMPOS DE CAOS: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA E ESCRITA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Patrícia Peres Ferreira Nicolini (UENF)

patricianperes@gmail.com

Analice de Oliveira Martins (UENF e IFF)

analice.martins@terra.com.br

RESUMO

Este artigo apresenta um trabalho exitoso de leituras e escritas do eu desenvolvido com os alunos do 9º anos de uma escola pública estadual do município de Cachoeiro de Itapemirim – ES. Nessa proposta, foram trabalhados os gêneros textuais diário pessoal, relato pessoal e carta pessoal na perspectiva de apresentar maneiras diversificadas de imprimir as experiências humanas, em tempos históricos marcados. Nesse contexto, para que os alunos pudessem compreender esses gêneros textuais como fenômenos literários e históricos, a obra “O Diário de Anne Frank” foi adotado nas aulas de leitura contemplando a reflexão sobre o contexto de produção. Relatos pessoais de jornalistas e notícias de jornal sobre o enfrentamento da pandemia de Covid-19 também foram analisadas e discutidas. O resultado desse trabalho foi a produção textual, de cada aluno do 9º ano, de uma página de um diário ficcional, um relato pessoal sobre suas vivências, experiências e sentimentos em relação ao atual momento histórico marcado pela pandemia de Covid-19 e uma carta pessoal para o “eu do futuro”. Esse trabalho embasou-se em Bourdieu (1996); Lejeune (2008); Cunha (2009) e outros autores.

Palavras-chave:

Pensamento Crítico. Escritas do eu. Proficiência em leitura.

ABSTRACT

This article intends to present a successful reading and writing work of the self developed with 9th graders of a state public school in the city of Cachoeiro de Itapemirim – ES. In this proposal, the textual genres personal diary, personal report and personal letter were worked on in the perspective of presenting diversified ways of printing human experiences, in marked historical times. In this context, so that students could understand these textual genres as literary and historical phenomena, the work The Diary of Anne Frank was adopted in reading classes, as well as personal reports by journalists and newspaper news about the confrontation of the Covid pandemic. 19. The result of this work was the textual production, by each 9th grade student, of a page from a fictional diary, a personal report on their experiences, experiences and feelings in relation to the current historical moment marked by the Covid-19 pandemic and a letter personal for the self of the future. This work was based on Bourdieu (1996); Lejeune (2008); Cunha (2009) and other authors.

Keywords:

Critical Thinking. Reading proficiency. Writings of the self.

1. Introdução

O registro escrito de eventos cotidianos ou significativos do “eu” é uma das formas que a humanidade encontrou de guardar momentos, sensações e pensamentos. Nessa perspectiva, escrever a própria história é uma maneira de se firmar como sujeito e melhor se conhecer; tornar-se, no presente, senhor da experiência da duração, visto que algumas pessoas escrevem sobre si buscando se compreender ao atribuir significado à vida perante o fluxo do tempo.

Dessa forma, essa possibilidade de se orientar pelo tripé temporal passado/presente/futuro só é viável quando o produtor dessa narrativa subjetiva registra suas experiências e vivências elaborando representações sobre si, sobre o outro e sobre a vida assumindo um posicionamento reflexivo sobre sua própria história relacionando-a com o outro e com o mundo.

Nesse contexto, essas representações do eu podem atribuir sentido ao espaço cultural do presente, uma vez que registrar vivências, sentimentos e impressões particulares assessoria e norteia a experiência da passagem do tempo. Para Jörn Rüsen, narrar é “uma prática cultural de interpretação do tempo” (2001, p. 149), e é por intermédio da construção narrativa que se constitui a identidade humana.

As escritas de si representam um diversificado repertório simbólico ao deliberar a experiência do tempo sobre o eu relacionando-a às redes de sociabilidades em que o produtor da narrativa está inserido; às experiências e vivências pessoais, à subjetividade e à visão de mundo desse sujeito. Os gêneros textuais compreendidos como narrativas do eu são os relatos em prosa ou em verso, por exemplo, (auto)biográficos, ficção (auto)biográfica, ficção de trauma, escrita memorialística, diários, testemunhos, cartas, dentre outros gêneros.

Essas escritas desnudam, mesmo que implicitamente, comportamentos e a realidade singular de quem produz essas linhas autorais, revelando com espontaneidade uma identidade. Essas narrativas também abrigam o desejo humano por preservação, por memória, funcionando “como ferramenta de uso social, [pois] a escrita pode salvar do esquecimento ao fixar no tempo vestígios de passados. Assim, escrever se constitui em uma forma de produção de memória” (CUNHA, 2009, p. 251).

Vivendo a experiência do(no) tempo como mudança de si mesmo e do mundo, os autores desses registros elaboram legítimos testemunhos de uma época, muitas vezes, arraigados do desejo de grafar aquilo que se

quer lembrar ou algo que não se quer olvidar, “um antídoto para alcançar a perenidade em face da fatalidade do esquecimento”. (CUNHA, 2009, p. 251)

Contudo há uma certa ilusão referente a essa pretensa coerência investida nas escritas de si, sobretudo em termos de um projeto memorialístico e/ou orientador. Bourdieu (1996) esclarece essa “ilusão biográfica” que, geralmente, impregna esse tipo de escritura sobre a experiência pessoal (no)do tempo. Uma ilusão consistente na qual pressupõe que “a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma intenção subjetiva e objetiva, de um projeto” (BOURDIEU, 1996, p. 184).

Portanto, as narrativas do eu não estão isentas de incertezas, incongruências, fragmentações e variações próprias do comportamento humano, mesmo compreendendo que as escritas do eu englobem um exercício narrativo racionalmente orientado e, em muitos casos, procure tratar a vida como uma trajetória coerente. Como o discurso, esses registros podem estar repletos de elementos ficcionais.

[...] escrever sobre si é um exercício; é uma prática constante e irregular como a vida; é uma leitura, uma releitura, um espelhamento de si no papel. O essencial nas escrituras do eu é que haja um exercício pessoal feito por si e para si como uma arte da verdade díspar. Ou, mais precisamente, uma maneira racional de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam seu uso. (FOUCAULT, 2012, p. 151)

Este artigo apresenta um trabalho exitoso de leitura e escritas do eu desenvolvido com os alunos do 9ºs anos de uma escola pública estadual do município de Cachoeiro de Itapemirim – ES. Nessa proposta, foram trabalhados os gêneros textuais diário pessoal, relato pessoal e carta pessoal na perspectiva de apresentar maneiras diversificadas de imprimir as experiências humanas, em tempos históricos marcados.

2. *Desenvolvimento, discussão e resultados da proposta*

De modo geral, as narrativas sobre si têm como objetivo descrever acontecimentos pessoais do cotidiano de seus produtores. Segundo Signorini (2005, p. 123), “o relato autobiográfico é um gênero catalisador na explicitação, na organização e na reconfiguração da experiência passada em função das inquietações e indagações do presente (...)”, no caso deste trabalho, a intenção é possibilitar que os alunos conheçam a estrutura textual e as características das narrativas sobre si contemplando

os gêneros diário pessoal, relato pessoal e carta pessoal e que os discentes sejam capazes de produzir seus próprios relatos focando na mutabilidade da adolescência em um cenário pandêmico, ou seja, refletindo sobre o recorte histórico no qual estão inseridos.

Espera-se que a partir de experiências pessoais, os alunos do 9º ano possam estabelecer relações de conhecimento entre sua história de vida e a história, permitindo ampliar a compreensão de sua integração no mundo, principalmente no contexto histórico da pandemia de Covid-19. As próximas subseções apresentam o desenvolvimento do trabalho como também uma discussão da proposta de leitura e escrita de narrativas do eu.

2.2. Apresentação da estrutura textual e das características do gênero textual diário pessoal

No início do ano letivo de 2021, nas aulas de Língua Portuguesa, os alunos dos 9º anos aprenderam que os poemas que expressam vivências e sentimentos de um “eu” pertencem ao gênero lírico. Esse “eu”, por sua vez, é chamada de eu lírico.

Dessa forma, a aula introdutória sobre as características e a estrutura textual do gênero diário pessoal⁴⁴ retomou os conceitos de poesia lírica e eu lírico, uma vez que o diário pessoal, como a poesia lírica, há a exposição de sentimentos e vivências subjetivas do eu.

Nessa perspectiva, o conceito básico sobre o eu lírico como sendo a voz que exprime tais sentimentos foram lembrados, assim como não se deve confundir-lo com o autor do texto. Para ilustrar esse conceito, os alunos receberam uma sequência didática contendo um estudo dirigido.

A primeira atividade do estudo dirigido foi ler fragmentos, versos do livro “Cantiga de adolescer”, de Elias José, no qual um eu lírico adolescente revela o que está sentindo nessa nova fase. O objetivo é concretizar o conceito de eu lírico, visto que nesses versos, o poeta é um adulto, no entanto o eu lírico é adolescente. No primeiro momento, foi apresentado aos alunos, o significado do verbo *adolescer*: tornar-se adolescente, desenvolver-se, crescer, ou seja, justamente a fase da vida a qual os alunos dos 9ºs anos estão vivenciando. A leitura dos fragmentos do poema “Saudade” e do poema “Tempo” também serviram ao

⁴⁴ Embora o gênero também seja conhecido por apenas diário, a expressão diário pessoal foi utilizada para diferenciá-lo de outros tipos, como o diário de bordo, por exemplo.

propósito de ampliar o repertório de textos que expressam questões subjetivas, como também promover a identificação dos alunos com os sentimentos do eu lírico adolescente.

Na condução da aula expositiva-dialogada, os alunos perceberam que também estão vivendo essa fase importante de suas vidas, a adolescência, e certamente têm se deparado com vontades, medos e outros sentimentos novos e, ao mesmo tempo, muito pessoais. E para exprimir essas experiências e sensações que se acumulam a cada dia, o registro de experiências pessoais cotidianas é uma solução viável.

Essa primeira atividade motivou e preparou os alunos para a reflexão sobre as características do diário pessoal, visto que os alunos participaram da discussão sobre o tema dos poemas e se deu início a apresentação de algumas características do gênero diário. Ao final da discussão, firmou-se a conclusão que nos poemas líricos cria-se um eu lírico que se expõe ao leitor, enquanto no diário pessoal é o próprio autor que se revela no texto.

Na sequência, foram expostas com mais profundidade, características e a estrutura textual do gênero diário pessoal. Foram analisados alguns textos desse gênero e se enfatizou seu papel de interlocutor, de confidante a quem se contam segredos e intimidades, por isso ele é uma boa opção para dar voz às sensações quando não se tem a quem contar certas emoções e pensamentos. “Ao abarcar práticas culturais pautadas em manifestações memorialísticas, as escritas de si traduzem autênticas tentativas de “arquivamento do eu” (ARTIÈRES, 1998).

Para conduzir uma reflexão sobre as transformações dos gêneros textuais, ampliar as informações sobre as possibilidades do gênero abordado e mostrar a adequação dos gêneros aos suportes disponíveis e às finalidades do autor, foram apresentadas algumas características do Blog (diário virtual) e do aplicativo *Vida Cotidiana: Meu Diário* que é a versão virtual do tradicional diário de papel, disponível para Android. Nele, o aluno pode escrever registros do seu dia e dos trabalhos de leitura e escrita, com direito a título, data e hora, fotos e ilustrações de emojis para marcar o humor do momento.

É importante que o aluno entenda que os gêneros textuais são produtos sociais, como tal sofrem contínuas mudanças e adaptações conforme o recorte histórico. Os diários pessoais, por exemplo, quando publicados, embora mantenham o caráter confessional, quase sempre perdem aspectos excessivamente íntimos e pessoais. Por outra vertente, o

desenvolvimento tecnológico e a ausência de distinção entre o público e privado fizeram surgir outros tipos de diário, como os blogs, ou diários virtuais, que podem ser lidos por um número incalculável de pessoas.

A relevância dessa abordagem é ressaltar as semelhanças e diferenças entre o diário tradicional e o blog. Em relação, principalmente, à finalidade e à linguagem. Nesse contexto, a semelhança é o uso da primeira pessoa; a exposição de opiniões, sentimentos, vivências pessoais; linguagem coloquial e o uso de imagens. As diferenças, determinadas, principalmente pelo suporte, são a possibilidade de interação com leitores e entre leitores; acesso rápido a outras páginas; possibilidade de inserção de outras mídias, como vídeos e músicas. Quando perguntado aos alunos se alguém teria um diário, *blog* ou aplicativo com a finalidade de registros pessoais, nenhum aluno cultivava esse hábito.

Outra diferença crucial entre o blog e os diários tradicionais mencionada pelos próprios alunos é que o diário, muitas vezes, é guardado a sete chaves; já os blogs são criados para serem expostos a um grande número de leitores.

Nessa sequência de aulas, foi discutida o valor histórico de alguns diários. Para ilustrar a questão, foi trabalhado dois pequenos vídeos. O primeiro contextualizando a época da produção da obra “O Diário de Zlata: A vida de uma menina na guerra”, de Zlata Filipovic (https://www.youtube.com/watch?v=5_9R-ssv78g), uma menina de 11 anos, residente em Sarajevo, capital da Bósnia-Herzegovina. Esse diário foi escrito entre setembro de 1991 e outubro de 1993, antes da guerra que quase destruiu Sarajevo, e durante o conflito. Em 1994, pela contribuição histórica e literária, o diário foi publicado no mundo todo. Nele, Zlata registrou suas vivências, experiências e sentimentos em relação à Guerra da Bósnia e a destruição de Sarajevo.

O segundo vídeo (<https://www.youtube.com/watch?v=n2yS97CEBiw>) apresenta o contexto histórico de produção de *O Diário de Anne Frank*, de Annelise Marie Frank, mais conhecida como Anne Frank, que nasceu em 12 de junho de 1929, em Frankfurt, na Alemanha. Anne, por ser judia, foi obrigada a viver escondida dos nazistas durante o Holocausto. Essa menina de apenas treze anos relata em seu diário as tristezas, alegrias e o modo como ela e sua família sobreviveram em um “Anexo Secreto” durante as perseguições nazistas da Segunda Guerra Mundial. O diário foi publicado em 25 de junho de 1947, desde essa

data, a obra já foi publicada em mais de quarenta países e já foi traduzida em mais de setenta idiomas. O objetivo dessa exposição e discussão é para que os alunos pudessem compreender o diário pessoal como fenômeno histórico e literário.

Com a condução da discussão, os alunos observaram que tanto Zlata como Anne eram adolescentes comuns. Assim como eles, alunos do 9º ano, essas duas jovens eram adolescentes cheias de sonhos, planos para o futuro, dúvidas e algumas rebeldias. Essa constatação foi muito importante para que os alunos percebessem que é justamente isso que torna esses livros tão especiais, Anne e Zlata poderiam ser alguém da turma deles ou uma pessoa que poderiam conhecer. Meninas com fome de viver, com extraordinário potencial literário e humano, seriam apenas mais duas adolescentes se não fosse os horrores da guerra.

A professora faz a mediação de mais uma reflexão: que eles também estão passando por um momento histórico muito marcante para a história: a Pandemia de Covid-19. Um recorte histórico que se assemelha em alguns aspectos a um contexto de guerra, uma vez que há uma perda imensurável de vidas humanas, recessão econômica e ausência de perspectiva de futuro. Alguns alunos relataram as perdas de familiares e de amigos, além de relatarem algumas dificuldades financeiras.

Os estudantes realizaram atividades para consolidar o que aprenderam na sequência dessas aulas: um exercício sobre as características e a estrutura textual do diário pessoal e a produção de uma página de diário pessoal referente a um dia que julgassem marcante em suas vidas por algum motivo. A avaliação dos resultados dessa atividade revelou que os alunos conseguiram compreender as especificidades de produção do diário pessoal.

2.3. Exibição do filme “Escritores da Liberdade” e desenvolvimento de um roteiro de interpretação e produção textual

Nas aulas iniciais de leitura e produção de texto dessa sequência didática, estudou-se que o diário pessoal é uma ótima pedida para dar voz às suas sensações quando não se tem a quem contar certas emoções e pensamentos, visto que ele é uma espécie de interlocutor. Nesse contexto, o diário pessoal é um relato de experiências do cotidiano, de impressões

e opiniões sobre fatos e pessoas, de descobertas sobre sentimentos e desejos.

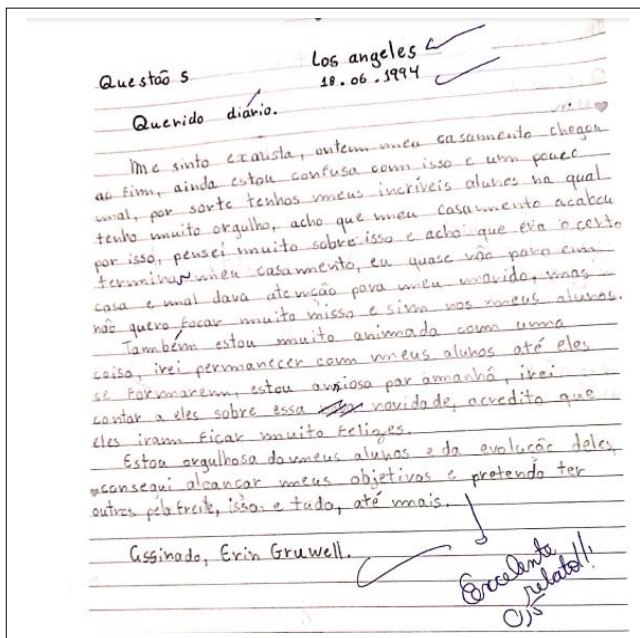
Estudou-se também que muitos diários, devido seu valor documental, se tornaram obras publicadas, como o diário de Annelise Marie Frank, mais conhecida como Anne Frank. Antes de apresentar a obra “*O Diário de Anne Frank*” aos alunos, foi preparada um momento de sensibilização com a exibição do filme “*Escritores da Liberdade*” (Freedom Writers, EUA, 2007) e uma proposta de interpretação e produção textual, uma vez que essa obra fílmica nos relembra como a guerra pode acabar com os sonhos dos jovens.

Em momentos importantes para o desenvolvimento dessa proposta, o filme era pausado e os alunos eram provocados a refletir e discutir pautas importantes, por exemplo, a violência na escola, tensão racial, sistema educacional deficiente, a importância do desenvolvimento de um pensamento crítico, o processo de negação da posição de vítimas, senso de responsabilidade por suas escolhas e atos, o poder de emancipação da literatura e outras questões relevantes para que alunos se sentissem seguros para realizarem a proposta do roteiro de interpretação do filme e a produção textual. Os alunos relacionaram a discussão dessas pautas com o próprio cotidiano, provocando reflexões importantes sobre o comportamento humano e a vida em uma sociedade tão desigual, onde há grupos privilegiados e outros preteridos.

Na sequência, os alunos realizaram um roteiro de compreensão do filme no intuito de sistematizar e registrar por escrito o desenvolvimento das discussões acerca das temáticas abordadas no filme e as conclusões firmadas ao final das aulas de exibição do filme. Ao final do roteiro, havia uma produção textual avaliativa de uma página de diário pessoal.

Nessa proposta, o aluno teria que imaginar que é uma das personagens principais desse filme, Erin Gruwell, Eva, André, Jamal ou outra personagem da preferência deles, e escrever uma página de diário relatando experiências, sentimentos e opiniões como se fosse a personagem escolhida e estivesse vivendo as situações citadas no filme. Os alunos foram orientados para revisar o texto, verificando se os tópicos de revisão que estavam em seus cadernos foram contemplados.

Figura 1. Primeira redação.

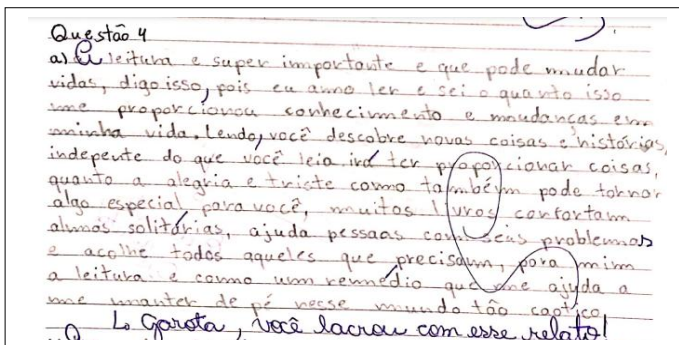


Fonte: Trecho retirado da produção textual da aluna A.J.C.A. (9º ano EFII) sobre o Roteiro de Compreensão do Filme Escritores da Liberdade.

O resultado dessa proposta foi muito satisfatório, a maioria dos alunos conseguiu registrar respostas argumentadas nas questões referentes à interpretação do filme. Em uma das questões do roteiro de interpretação do filme, o enunciado contextualizou para o aluno que a professora Erin Gruwel oportunizou o questionamento, a reflexão e a compreensão do que é estar no mundo quando oferece aos seus alunos obras literárias como o “Diário de Anne Frank”, pois o poder de emancipação da literatura propicia uma nova percepção do real, tanto que aflora em seus alunos uma lucidez social.

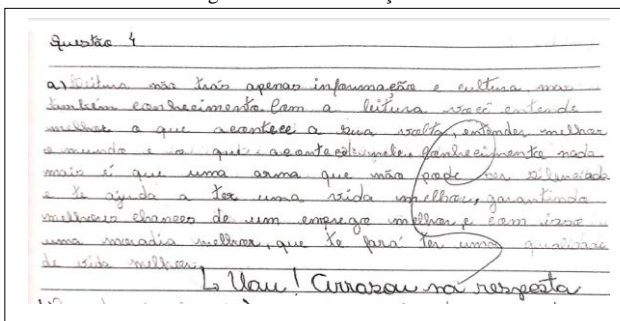
Nesse sentido, foi pedido ao aluno que explicasse, com as próprias palavras, como o poder da leitura pode proporcionar conhecimento capaz de modificar uma história de vida e que utilizasse argumentos para validar sua resposta. Dessa pergunta, vale apresentar duas respostas produzidas por uma aluna para ilustrar o aproveitamento das turmas no desenvolvimento dessa atividade.

Figura 2. Segunda redação.



Fonte: Trecho retirado da resposta da aluna A.J.C.A. sobre o Roteiro de Compreensão do filme *Escritores da Liberdade*

Figura 3. Terceira redação.



Fonte: Trecho retirado da resposta da aluna G.G.S.M. sobre o Roteiro de Compreensão do filme *Escritores da Liberdade*.

A intenção dessa etapa da sequência didática foi sensibilizar os alunos e motivá-los para a leitura da obra “*O Diário de Anne Frank*”.

2.4. Leitura da obra *O Diário de Anne Frank* e proposta de análise do livro.

Após *feedback* da atividade avaliativa sobre o filme *Escritores da Liberdade*, cada aluno do 9º ano recebeu um exemplar da obra *O Diário de Anne Frank* (HQ), escrito por Annelise Marie Frank, publicado pelo Grupo Editora Record, adaptado por Ari Folman; ilustração de David Polonsky e tradução de Raquel Zampil, **a única edição em quadrinhos**

autorizada pelo Anne Frank Fonds. A escola recebeu um acervo diversificado de livros paradidáticos do PNLD⁴⁵ Literário, alguns exemplares vieram em grande quantidade para possibilitar ao professor a organização de um trabalho com todos os alunos da turma.

Quando completou treze anos, em 12 de junho de 1942, Annelise Marie Frank ganhou, de presente do seu pai, um caderno parecido com um álbum de autógrafos. De capa xadrez (branco e vermelho), esse caderno transformou-se em seu diário. No mesmo dia que recebeu o presente, Anne registrou a primeira entrada, perpetuando a data significativa. Anne Frank nasceu em Frankfurt, em 12/06/1929. Em março de 1934, a família Frank (Otton Frank (pai); Edith Frank (mãe); Margot Frank (irmã) e Anne Frank) refugiou-se em Amsterdam, com o intuito de escapar da perseguição nazista.

A professora de História participou dessa etapa da sequência didática trabalhando com os alunos o contexto histórico da produção do diário de Anne, isto é, as causas, os fatos e as consequências da Segunda Guerra Mundial. O livro em HQ do Grupo Record não deve em nada em conteúdo narrado pela autora na versão convencional. Os alunos também gostaram das ilustrações. As primeiras cinquenta páginas foram lidas, em sala de aula, pela professora de Língua Portuguesa e o acompanhamento dos alunos. Tratou-se de uma leitura comentada na qual os fatos históricos eram relacionados com a narrativa subjetiva de Anne.

De 12 de junho de 1942 a 1º de agosto de 1944, a jovem Anne Frank escreveu em seu diário toda a tensão que a família Frank sofreu durante a Segunda Guerra Mundial. Para Anne, o diário era um interlocutor muito importante, um confidente a quem ela poderia confessar e revelar todos os seus sentimentos, pensamentos, perspectivas para o futuro e a sua rotina rigorosa para viver escondida dos nazistas em um anexo secreto no prédio do escritório de seu pai, dividindo o espaço e convivendo com mais sete pessoas.

Após a apreensão dos Frank pela Grüne Polizei, Miep Gies, uma amiga da família, encontrou os diários e as folhas avulsas escritas por Anne Frank, revirados e espalhados no chão do anexo secreto por oficiais da Gestapo, e guardou-os consigo. Com o fim da Segunda Guerra, Otto Frank, pai de Anne e o único sobrevivente dos moradores do anexo,

⁴⁵ Programa Nacional do Livro Didático.

recupera o diário da filha e percebe seu potencial literário e a importância histórica dos relatos de um recorte histórico narrado do ponto de vista de uma adolescente judia.

Anne amadurece a ideia de escrever um diário que pudesse realmente ser publicado após ouvir uma transmissão de rádio, na qual o locutor incentivava as pessoas a documentar os eventos ligados à guerra, visto que este material seria muito significativo no futuro. Anne escreve em seu diário, o qual chamava de Kitty, tudo o que ocorria no cotidiano de sua família e dos outros moradores do anexo, inclusive sua notória predileção pelo pai, que considerava amoroso e nobre, ao contrário da mãe, com quem a menina estava sempre em confronto.

Figura 4. Atividade.

QUESTÃO 01 (0,5 ponto)

Quais foram os motivos que levaram Anne Frank a escrever um diário e realizar registros diários enquanto esteve escondida no anexo. Transcreva um trecho do livro que comprove a sua resposta. Lembre-se de colocar o dia/mês/ano do registro do diário.

Ela começou a escrever como se fosse algo para ela
contar seus sentimentos e desejos, mas ela ouviu
um comunicado na rádio que a inspirou mais ainda
a escrever o diário. Querida Kitty, espero poder contar
tudo a você, e espero que seja uma boa fonte de conforto e
ajuda! - 20 junho de 1942

QUESTÃO 02 (0,5 ponto)

Por que Anne Frank deu ao diário o nome de Kitty?

Excelente resposta, muito completa

Fonte: Trecho retirado da resposta da aluna A.J.C.A. sobre a verificação de leitura do Diário de Anne Frank.

A maioria das entradas do diário de Anne Frank eram iniciadas pelos vocativos *Lieve Kitty*, *Liefste Kitty*, em holandês, com tradução para o português “Querida Kitty”, “Caríssima Kitty”, referindo-se à personificação do diário pessoal, uma interlocutora que se tornaria companheira e confidente nos longos dias de reclusão no Anexo Secreto. Anne concluía as entradas e despedia-se de sua interlocutora utilizando o pronome *Je* (Sua, em português), em holandês, *Je Anne*, traduzido para o português, Sua Anne. O uso do pronome possessivo “sua” é um recurso linguístico utilizado também em outros idiomas, trata-se de uma forma reduzida da expressão “Eu sou sua”. Na versão simplificada “Sua Anne, o sujeito oculto (eu) da enunciação denomina-se como “pertencente” a outro. Essa expressão de despedida, denota linguagem informal e, geralmente, estão presentes na escrita de diários, passando por simplificações ao longo dos anos.

Émile Benveniste postula, em sua teoria da enunciação, que todas as línguas fazem uso de pronomes pessoais, visto que não se pode conceber uma língua sem expressão da pessoa. Dessa maneira, o autor

desenvolve uma teoria sobre a enunciação, segundo a qual o discurso será sempre marcado por um eu, projetando ou buscando um tu, para estabelecer mais que diálogos, ou seja, para firmar identidades. Benveniste (2005) afirma:

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um tu. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade – que eu me torne tu na alocação daquele que por sua vez se designa por eu. (BENVENISTE 2005, p. 286)

Nessa esfera linguística da teoria da enunciação de Émile Benveniste (2005), observa-se à amplificação de vários *eus* e *tus* do discurso. No artigo “Leitura literária: enunciação e encenação”, as autoras Ivete Walty e Graça Paulino (2005) sinalizam, em primeiro plano, para a (co)existência de vários tipos de discurso. As pesquisadoras explicam que:

Um desses discursos é o que se chama literário. A enunciação, nesse caso, desdobra-se em uma pluralidade de eus e tus, que se relacionam numa cadeia enunciativa assumidamente representada. Nesse sentido, poderíamos afirmar que a enunciação na literatura encena o próprio jogo da linguagem. Estabelece-se não apenas uma relação entre interlocutores reais como também entre interlocutores ficcionais, mesmo que se trate de um poema lírico em que parece haver apenas um sujeito poético. (WALTY; Paulino 2005, p. 140)

É notório que as autoras aproximam os discursos linguísticos e literários, privilegiando o discurso literário, por se tratar de uma linguagem especificamente performática, encenada e polissêmica. Nessa perspectiva, observa-se como o discurso literário ganha abrangência ao assumir a existência de interlocutores ficcionais, somada a interlocutores reais.

Os alunos tiveram uma semana para terminar de ler o livro e na semana seguinte realizaram uma atividade sobre o livro. Na leitura da obra, os estudantes perceberam que há uma “narrativa retrospectiva que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 15). Nesse sentido, narrativa de Anne é considerada crível por seus leitores justamente por haver essa identidade entre os três elementos defendidos por Philippe Lejeune (2008): autor, narrador, personagem.

Na última questão “Eu sei Mais!”, os alunos fizeram uma análise comparada entre o filme “Escritores da Liberdade” e o “Diário de Anne

Frank”, para tal, teriam que observar e escolher dois dos seguintes tópicos para desenvolver:

- O contexto histórico: Segunda Guerra Mundial X Violência entre gangues. Lembre-se que a história não é um processo mecânico, regido exclusivamente por causas políticas e econômicas. Ela também tem uma dimensão humana e dramática, que não deve ser esquecida.
- O racismo e a intolerância cultural
- Ao criar um elo de contato com o mundo, Erin fornece aos alunos um elemento real de comunicação que permite aos mesmos se libertar de seus medos, anseios, aflições e inseguranças. Partindo do exemplo de Anne Frank, menina judia alemã, branca como a professora, que sofreu perseguições por parte dos nazistas até perder a vida durante a 2ª Guerra Mundial, Erin consegue mostrar aos alunos que os impedimentos e situações de exclusão e preconceito podem afetar a todos, independentemente da cor da pele, da origem étnica, da religião, do saldo bancário, ...
- A questão ética: Como disse Miep Gieps, a simples secretária que ajudou a esconder os Frank: “Lembrar que muitas vezes a coisa mais certa a fazer é também a mais difícil.”.
- A importância do registro em diários em ambas as obras.
- A importância da conversão desses diários em obras literárias.

Os alunos tiveram mais dificuldade nessa questão, mas o objetivo era que eles desenvolvessem uma comparação entre a obra fílmica e a obra literária. Cada um, a sua maneira, conseguiu esboçar um pensamento crítico sobre pelo menos um dos tópicos.

2.5. Apresentação da estrutura textual e das características do gênero textual relato pessoal

O relato pessoal é um gênero textual muito favorável para a resignificação da escrita no âmbito escolar, visto que é eficaz por proporcionar ao leitor:

[...] a materialização de seus pensamentos sobre as coisas do mundo. Quando o aluno escreve sobre si mesmo e sobre o meio onde vive, ele começa a tomar consciência sobre o que escreve. E é nessa partilha de

experiências que, de certa forma, começa a ajustar o seu discurso conforme suas necessidades. Ou seja, expor sua própria história permite ele refletir sobre o que quer dizer, o que dizer, o que não dizer, para que dizer. Ocorre um jogo com a memória social, ou uma espécie de modelagem das ideias antes de compartilhá-las. (ARAGÃO, 2016, p. 13)

Nessa perspectiva, o relato pessoal, em um plano gradual, apresenta uma proximidade entre a escrita e fala. Nesse sentido, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) postulam:

[...] é possível ensinar a escrever textos e a exprimir-se oralmente em situações públicas escolares e extraescolares. Uma proposta como essa tem sentido quando se inscreve num ambiente escolar no qual múltiplas ocasiões de escrita e de fala são oferecidas aos alunos, sem que cada produção se transforme, necessariamente, num objeto de ensino sistemático. Criar contextos de produção precisos, efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados: é isso que permitirá aos alunos apropriarem-se das noções, das técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita, em situações de comunicação diversas. (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 82)

Na sequência dessas aulas, os alunos conheceram a estrutura textual e as características do gênero relato pessoal. Dessa forma, estudaram que o relato é um gênero textual muito comum em nosso cotidiano, visto que os sujeitos relatam fatos aos amigos e familiares, ouvem relatos nos noticiários, buscam relatos de pessoas públicas como inspiração para a própria vida, ou para saber experiências vividas em lugares que se deseja conhecer. Nesse Contexto, fala-se, lê-se e se escreve um relato em diversas situações e em diferentes suportes: revistas, jornais, telefone, redes sociais, sempre com o objetivo de narrar um acontecimento específico para outrem. “Historiar-se é quase sinônimo de aprender, pois, sem esse sujeito ativo que significa o mundo, significando-se nele, a aprendizagem irá converter-se na memória das máquinas, ou seja, em uma tentativa de cópia.” (FERNÁNDEZ, 2001, p. 68).

Os discentes também estudaram que o relato pode ser utilizado como forma de exemplificar ou argumentar, o que ocorre geralmente dentro da notícia. Sendo assim, o relato pode estar integrado também a outros gêneros. Depois, foi analisado o relato da jornalista Izabel Santos. Em 13 de março de 2020, o primeiro caso oficial de Covid-19 era registrado em Manaus. Um ano depois, Izabel relatou como tem sido viver o caos, a insegurança e as perdas da pandemia na cidade que foi o epicentro da doença na Amazônia.

Após a leitura e discussão desse relato, a maioria dos alunos conseguiu estabelecer relação de sentido com o efeito da pandemia em suas próprias vidas. A proposta de produção textual lançou a seguinte questionamento: Daqui a 30, 50 anos ou 100 anos, como será explicar às futuras gerações o que foram todas as privações e mudanças durante a pandemia de Covid-19? Como explicar a angústia do isolamento social, a frustração de ter que cancelar planos, o medo da contaminação por um vírus desconhecido ou a esperança depositada no desenvolvimento de uma vacina?

Somente os livros de história não darão conta de explicar o que foi viver durante uma época de pandemia. Por isso, a proposta apresentada aos alunos foi de produzir um relato pessoal sobre a própria experiência de viver esse período histórico tão difícil. No enunciado da proposta de produção textual foi solicitado para os alunos pensarem que se trata de um relato para que seus filhos e netos saibam como eles e o mundo passaram pela pandemia do Covid-19. De acordo com Libermann (2014), refletir sobre as vivências passadas marcantes de cada sujeito representa o momento de confrontar o momento presente, ao se debruçar sobre o passado em busca de uma melhor tradução desse mesmo passado “que englobe mais, que seja menos repressora e que apresente meios renovados”.

Os relatos pessoais produzidos pelos alunos revelaram muitas perdas: familiares, amigos, vizinhos e conhecidos. Muitas dificuldades financeiras e uma notória falta de perspectiva em relação ao futuro. Os fatos e situações mais recorrentes nos relatos produzidos foram discutidos em aula e para tentar amenizar a situação, os professores da área de Linguagens organizaram um Ciclo de Palestras Motivacionais com palestrantes voluntários.

2.6. Apresentação da estrutura textual e das características do gênero textual carta pessoal

Conforme postula Silva (2002, p. 52), “na história das práticas comunicativas mediadas pela escrita, a carta foi um dos primeiros gêneros textuais que viabilizou a construção de relações interativas a distância” entre as pessoas. Nessa perspectiva Andrade (2010, p. 193) completa que, este gênero se faz presente em nossa sociedade desde a antiguidade com a finalidade de “materializar o desejo ou a necessidade de interagir a distância”.

Essa forma de dialogar com outrem ainda resisti, apesar de todos os avanços tecnológicos. Nessa sequência de aulas, os alunos conheceram a estrutura e as características da carta pessoal. Os discentes estudaram que se escreve uma carta pessoal quando se quer comunicar com alguém próximo de nós, como amigos ou familiares. As características desse tipo de gênero textual são simples, ou seja, não possuem muitas regras e estrutura para serem seguidas.

Depois, foi exibido o comercial do “O Boticário”, intitulado “A Carta”, no intuito de apresentar a proposta de produção textual, na qual cada aluno escreveu uma carta pessoal interessada a eles mesmos. Nesta carta, o “eu atual” (2021) do remetente escreve para o seu “eu do futuro” (2025) falando da importância de acreditar em seus sonhos e não perder a esperança, ou até arriscando algumas previsões. As cartas foram recolhidas, guardadas e lacradas em uma caixa organizadora. Essa correspondência será despachada pelos correios em 2025 encontrando o “eu do futuro” destinatário.

3. Considerações finais

O trabalho com a leitura e produção textual de narrativas sobre si proporcionou aos alunos dos 9^{os} anos a possibilidade de refletir e discutir sobre comportamentos humanos relacionados a recortes históricos passados e contemporâneos pertinentes para o desenvolvimento de um pensamento crítico.

Compreender o desencadeamento de ações, principalmente políticas, e os seus desdobramentos na vida em sociedade não é tarefa fácil, principalmente, para adolescentes de 14 a 16 anos. No entanto, promover esse debate em sala de aula é necessário, uma vez que se entende que é uma das funções da escola preparar o aluno para vida e para o mundo.

Olhar para dentro de si, muitas vezes, é uma tarefa dolorosa, em qualquer faixa etária. No entanto, descobrir-se, revelar-se e compreender-se só é possível pela verdade. Deveras, a verdade dói, mas a ignorância adoce. Ao narrar sobre si, as semelhanças entre as narrativas dos colegas trouxeram identificação e conforto, e as diferenças proporcionaram uma nova perspectiva de realidade.

Portanto, ao escrever sobre si, os alunos perceberam que suas histórias importam, nem que seja para eles mesmos e que a escrita é uma forma de registro histórico, uma forma das gerações futuras conhecerem

o passado por outra perspectiva, outra visão de mundo, que não seja a oficial contada nos livros de História.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. L. da C. V. *A intimidade da ausência: estudo de marca de oralidade em cartas pessoais do século XIX*. In: PRETI, D. (Org.). *Oralidade em textos escritos. Projetos Paralelos – NURC/SP*. São Paulo: Humanitas, 2010. p. 189-216

ARAGÃO, Andreia Doria. *Produzindo textos a partir do gênero relato pessoal*. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão-SE, 2016. 85f.

ARTIÈRES, Philippe. *Arquivar a própria vida. Estudos históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1998. p. 11-20

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*, Campinas: Pontes, 2005.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, N.; SCHNEUWLY, B. *Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento*. In: ____ et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

CUNHA, Maria T. *Diários Pessoais: Territórios Abertos para a História*. In: PINSKY, C.B.; DE LUCA, T.R. (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 251-279.

FERNANDÉZ, Alicia. *Os idiomas do aprendente: análise das modalidades ensinantes com família, escolas e meios de comunicação*. Artmed, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*. In: _____. *Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, política*. Trad. DE Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. 144-62

FRANK, Anne, 1929-1945. *O diário de Anne Frank*. Adaptação de Ari Folman; ilustração de David Polonsky; tradução de Raquel Zampil-E. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 2018.

LIBERMANN, Zelig. *Tempo, memória e ressignificação*. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, v. 15, n. 3, p. 83-90, 2014.

RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica – Teoria da história I: os fundamentos da ciência histórica*. Trad. de Estevão de Rezende Martins. Brasília: UnB, 2001.

SIGNORINI, Inês. *O relato autobiográfico na interação formador/formando*. Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e construção do saber. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p. 93-126

SILVA, J. Q. G. *Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos*. Tese (Doutorado), Belo Horizonte: UFMG, 2002.

WALTY, I., PAULINO, G. *Leitura literária: enunciação e encenação. Ensaios sobre leitura*, p. 138-54, 2005.